

humanitas



Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



VINCENZO RECCHIA — Sisebuto di Toledo: il «Carmen de Luna». Quaderni di «Vetera Christianorum». 3. Adriatica Editrice — Bari — 1971, 293 pp.

«Riprendiamo, intanto, il discorso sui rapporti tra la concezione del quadrivio negli autori che studiamo e l'esegesi bíblica contemporanea allo sviluppo dell'enciclopedismo cristiano» (p. 157). Estas afirmações, pertencentes a um dos capítulos mais importantes desta obra, são como que o resumo do «caminho» seguido pelo autor, mas não são uma conclusão ou a síntese de uma tese que se tenha proposto demonstrar. Há, todavia, uma tese no interior deste trabalho, a saber: Sisebuto, rei de Toledo, com o *Carmen de Luna*, foi um grande poeta cristão medieval, o primeiro grande representante de um género «nuovo» inaugurado pelo *Liber rotarum*, mas a que se tem dedicado pouca atenção, no aviso do autor, que acrescenta: «Anche l'utilizzazione della cultura classica, appresa nella scuola, per la comunicazione degli stati d'animo che sono propri della paideia cristiana, ha il suo modello nell'opera isidoriana e nella poesia di Sisebuto» (p. 245).

V. Recchia norteou-se pela preocupação de evidenciar como o *Carmen de Luna* é um bom exemplo da poesia cristã medieval. Para tanto seguiu um itinerário que o fez percorrer toda uma problemática que a expressão «poesia cristã» acarreta para séculos que, sendo ética e socialmente cristãos, não podiam prescindir de uma cultura que, ao nível da expressão religiosa, era pagã.

Os textos sagrados forneciam facilmente pontos de apoio para uma linha cristã de desprezo pelo mundo e sabedoria humana, que se desenvolveu ao longo dos séculos, com pontos altos que foram, também, casos dramáticos algumas vezes. Contudo, a observação do índice do trabalho de V. Recchia mostra-nos, logo de início, que o rei toledano não se integra nesta linha do «de contemptu mundi». O *Carmen de Luna* e o seu autor não se podem arrumar na linha tendencial de uma poesia religiosa expressora de estados de alma «afectivos», capazes de conduzir o crente ao estado místico. Não se trata, por exemplo, até porque ainda não se chegara à eclosão do movimento franciscano, de uma poesia afectiva centrada sobre os sofrimentos de Cristo. Sisebuto de Toledo está noutra tendência: a que, radicando-se na perspectiva agostiniana que permitia o aproveitamento da sabedoria profana por parte do cristão — «Il problema dell'enciclopedismo cristiano è quello di dire sistematicamente in anticipo quello che nella Scrittura è variamente disseminato...» (p. 85) — transforma o que, em filosofia cristã, se há-de entender por mundo terreno e/ou natureza, num vasto campo de símbolos de expressão da entidade divina. Neste contexto, a ciência humana, que incide sobre coisas naturais, transforma-se num instrumento de acesso à *lectio divina*, atitude amparada por S. Agostinho, por exemplo no «Prologus» do *De Doctrina Christiana*.

É por isso que Recchia desenvolveu o seu trabalho de forma que, definido em linhas gerais o âmbito da poesia cristã (cap. I), se analisassem os significados que para ela tomam a *eloquentia* e a *sapientia* (cap. II) e o quadrívio (cap. III). Era este último que englobava toda a ciência possível na época; Boécio por um lado, Cassiodoro, Isidoro de Sevilha e Sisebuto por outro, podiam não coincidir nas prio-

ridades a atribuir às várias ciências, mas todos não deixam de se integrar na linha do enciclopedismo cristão, que tem um marco importante nas *Origines* isidorianas (p. 245).

Não se trata, porém, de uma poesia filosófica, ou de simples tratados naturalistas postos em verso; é certo que, uns séculos mais tarde, e depois de novas linhas de sensibilidade e mentalidade religiosas se haverem caldeado e afirmado na Europa, Erasmo lançaria o descrédito sobre esses autores «recentiores» porque a leitura dos seus textos o deixava mais «frio» do que a de Cícero, por exemplo. Trata-se, no caso do *Carmen*, de uma obra poética, cuja problemática não se esgota nas interpretações positivistas como a de J. Fontaine (vid. p. 129, n. 1); por isso Recchia escreve: «Il *Carmen de luna* è un'epistola poetica di risposta alla lettera che fa da introduzione al trattato sulla natura», de Isidoro (p. 263). Por isso aqui é preciso destacar, com o autor, que a esta epístola poética, integrada num contexto cultural em que a função da poesia era primacialmente paidética (cfr. p. 269), cabe também um estatuto literário específico.

Ao que se pode deduzir deste estudo, mas sem que isso nos pareça muito claramente exposto pelo autor, tal estatuto definir-se-ia a dois níveis: no plano da perspectiva de uma poesia «religiosa» cristã, para quem todo o dado ou o aspecto exterior é incluído na categoria dum simbolismo que manifesta aos olhos do homem os mistérios da entidade divina; e no plano da perspectiva de uma tradição literária erudita, no seio da qual o autor se devia revelar conhecedor da técnica e da arte inerentes ao género que utilizava.

A fusão dos dois níveis, no caso de Sisebuto de Toledo e do seu *Carmen de Luna*, verifica-se quer no plano ideológico, já referido, quer no plano do discurso. No que respeita a este último, anota Recchia que o hexâmetro de Sisebuto é métricamente perfeito (p. 180), mas o ritmo insere-se mais na sucessão dos acentos do que no reforço da voz (*ictus*) no começo dos dactilos e espondeus (p. 186). Dando à palavra *ritmo* prevalentemente o sentido de *flexus* ou *inclinatio vocis*, o autor deste trabalho conduz-nos à contemplação de um fenómeno curioso, que é ao mesmo tempo uma tese: Sisebuto, conhecedor de dois tipos de harmonia, a do hexâmetro dactílico, de origem clássica, e o da métrica psalmódica — que distribui os acentos em número vário para cada verso, mas com intervalos átonos não superiores a três sílabas, de acordo com a tese hoje preponderante do ritmo acentuativo da poesia hebraica (p. 191) — teria ensaiado juntar «i due tipi di armonia in una melopea, in cui i due metri cambaciassero, senza confondersi» (p. 192). Com isto, o rei toledano integra-se na vasta tradição cultural antiga, que relacionava entre si as harmonias musicais, os movimentos das estrelas e os íntimos acordes do espírito nas acções humanas (p. 195). Este aspecto ressurgue nesta poesia cristã, como há-de voltar ao centro de uma linha filosófica de filiação platónica, quando dos escritos de Marsílio Ficino.

O poeta cristão do séc. VII que foi o rei Sisebuto de Toledo, nesta atenção dada aos problemas da harmonia, tem por trás de si toda uma preceptística da leitura do texto sagrado, no que intervém o conceito de *genus dicendi simplex*, essa *simplicitas* e essa *humilitas* (p. 96) que Erasmo tanto admirava nos comentários psalmódicos de Arnóbio; um modo de ler que é, ainda, um modo de louvar a Deus e de implorar psalmodicamente a sua misericórdia (p. 120); um *genus dicendi* que deve respeitar a *res*: os Padres tentavam apagar a vivacidade do ritmo melódico

dos salmos, fazendo moderar a voz do leitor, para que os ouvintes sentissem mais a recitação do que o canto (p. 272). Não esqueçamos, porém, que temos perante nós uma concepção da cultura e da sabedoria como instrumentos da «abstracção» que permite a contemplação da luz divina (p. 108): daí o *Carmen de Luna*, ou seja, na linha isidoriana, o poema da lua que, nas variações alternadas da sua órbita, na qual *desinit ut crescat, crescit ut desinat* (p. 227), se transforma no símbolo da vida do mundo e dos homens, cujo corpo está no caminho para a morte e a alma no que leva à eternidade. Toda esta linguagem, como nota o autor, era própria da vida monacal ao tempo de Sisebuto (p. 211).

Um tempo histórico, todavia, que Recchia deixa muito na penumbra. Não se pretende, com isto, insinuar que bastaria a caracterização do quadro histórico hispânico do séc. vi-vii para inferirmos as razões explicativas desta poesia cristã. O autor «explicou» Sisebuto através da evidenciação de uma dada tradição literária e de uma dada *situação* cultural e existencial: a do cristão. No entanto parece-nos que outros níveis, e esses susceptíveis de uma focagem mais social e englobante, permitiriam integrar o *Carmen de Luna* nas modificações estruturais da aristocracia laica e mesmo eclesiástica que, neste séc. vii, se começa a sentir gótica (Ferdinand Lot). A este nível, que «novidades» traz o *Carmen*, se não no plano ideológico, ao menos no literário? Onde se situam as razões de ser da sua fortuna (cap. VII): no plano do significado simbólico, no plano da estética realizada? Ora, se bem que Recchia faça a cada momento análises literárias de trechos citados, ficamos sem atingir, na maioria dos casos, o plano histórico dos temas e das metáforas dessa poesia. Convém, todavia, não acentuar demasiado este aspecto, pois que é anterior a Sisebuto toda uma poesia cristã de carácter pessoal, de que um dos pontos altos, se não o mais alto (cfr. p. 57), foi Prudêncio, cujas reminiscências pertencem ao património do rei-poeta (p. 200) e que haveria de ser, muito mais tarde, autor muito do agrado de Erasmo (1). Há também em Sisebuto o tratamento poético de perspectivas individuais, diríamos mesmo subjectivas. Aplicam-se estas considerações ao Cap. V, «La solitudine contemplativa»: um título que, só por si, na literatura ocidental, daria para larguíssimas considerações.

Aqui importa anotar a oposição que Recchia evidencia entre a «vena di letizia che serpeggia nel trattato di Isidoro sulla natura» (p. 201) e as imagens de tristeza difusas no poemeto de 61 versos de Sisebuto. A oposição faz-se entre a alegria isidoriana causada pela reaparecimento da «luz», simbolizada nas fases iluminadas da lua, e a tristeza do rei de Toledo, que vê o caminho para os prazeres da contemplação barrado pelos seus empenhos de governante; daí, por contraste, o canto do eclipse da lua (p. 204). Mas ainda aqui Sisebuto coincide com Isidoro de Sevilha,

(1) «At ego malim unam odam Prudentii modulantis Iesum, quam navem onustam versibus Pontanicis, cuius alioqui nec eruditionem nec facundiam contemno», escrevia Erasmo a Francisco Vergara em 1527, cit. in C. Reedijk, *The Poems of Desiderius Erasmus*, p. 97; cfr. p. exemplo, *Ciceronianus*, p. 278 da edição de Angiolo Gambaro. Lembre-se, por fim, o *Commentarius in hymnum Prudentii de Natali Pueri Iesu*, nas *Opera Omnia*, t. V, para o qual chamou a atenção José de Pina Martins, in *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*, Paris 1973, p. 135, n. 249.

e com este se integra numa longa linha da sensibilidade e da reflexão europeias até muito tarde, da qual Francesco Petrarca será um ponto alto: o tema da *solidão* e do *otium*. Sem estes, segundo Isidoro, não pode o homem alcançar a sabedoria, tendo em conta que não há sabedoria mais alta do que a possuída por quem sabe não poder esgotar o conhecimento de Deus (p. 207). Neste ponto confluem linhas cujas incidências variam com os lugares, os tempos e os contextos sociais e culturais, linhas de exaltação da sabedoria que, séculos antes da preceptística humanística laicizada — se atendermos ao termo de Eugenio Garin —, podiam argumentar com o *Ecclesiastes* (37,23) e com o tópico agostiniano da figura da Filosofia, de que é célebre o tratamento de Boécio no abrir do *De Consolatione Philosophiae*, numa tradição que Pierre Courcelle já analisou (vid. *R.E.A.*, t. LXX, n.º 1-2, 1968, p. 110-120).

Se nos é lícita uma opinião geral, que seja como que a síntese desta leitura, parece-nos que, se relêssemos agora este trabalho de Recchia, veríamos surgir muitos mais problemas, e correríamos, com isso, o perigo grande de sentir mais nitidamente que a obra responde menos do que poderia fazê-lo a problemas e interrogações que suscita. Mas não atribuíamos ao autor culpas que ele pode não ter, pois a sua orientação metodológica, ao que parece, o coloca fora da órbita da sociologia dos factos culturais. No entanto cremos que este trabalho deverá estar presente em qualquer estudo sobre a literatura dos primeiros séculos da reorganização política e social europeia após o fim do Império Romano, numa altura em que as questões políticas se punham, também, em termos de cristianização.

J. A. OSÓRIO

ALBERT AMPE S. J., *L'Imitation de Jésus-Christ et son auteur. Réflexions critiques par...* Sussidi eruditi 25. Roma, Edizioni di storia e letteratura, 1973, 156 p.

A autoria do livro mais conhecido entre os cristãos logo depois da Bíblia tem sido objecto de «contenda peregrina» desde que copistas, editores e bibliógrafos pretenderam determinar, entre tantos candidatos, o seu verdadeiro autor. Esta luta tem dado origem a vários «partidos» entre os quais se distinguem os *Kempistas*, defensores de Tomás de Kempis; os *Gersonistas*, a favor de João Gerson; e os *Gersonistas*, que atribuem a autoria da *Imitação de Cristo* a João Gersen.

O A. divide a sua obra em três capítulos. No primeiro, que intitula «Preliminares críticos», delimita o objecto do seu estudo, cingindo-o ao *De Imitatione Christi*, que consta de 4 livros e de 114 capítulos, e pondo de parte outros textos da literatura imitacionista, como o *Pseudo-livro II da Imitação* descoberto no *C. Bambergensis* por Amort, os *Addita pollingana* editados por Cajetano em 1644 e o texto médio-neerlandês anexo à *Imitação* como l. V e l. VI no *C. Scotensis*. Discute, depois, a unidade da obra e conclui pela existência de uma unidade de estilo. de